

# Um recorde do qual precisamos nos livrar

Como salvar da descrença absoluta uma sociedade que naturaliza e banaliza o estupro de suas crianças?

Daniela Grelin

17 de setembro de 2019

CRIS FAGA/FOLHAPRESS



Mulheres protestam contra a cultura do estupro na avenida Paulista, em São Paulo

Os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019, publicados nesta última semana pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, nos trazem um retrato dramático da vulnerabilidade de mulheres e meninas em nosso país.

Em 2018, 66.041 casos de estupro foram registrados, o maior registro histórico deste tipo de crime no Brasil. Em 53,8% dos casos, a vítima tinha menos de 13 anos. Ou seja, estamos falando de um país em que a cada hora, quatro meninas de menos de 13 anos são estupradas. Não precisamos dizer “hediondamente estupradas” pois todos os estupros são hediondos.

Não precisamos também dizer que estes números são inaceitáveis, pois basta que uma menina ou mulher seja estuprada que já teríamos aí um dado inaceitável. É ainda necessário dizer que, na maioria dos casos, o autor do crime é conhecido da família, muitas vezes pais, tios, padrastos, pessoas que deveriam ser responsáveis pela segurança, proteção e educação destas mesmas crianças.

Uma célebre sobrevivente de estupro na infância, a escritora afro americana Maya Angelou, certa vez disse: “O estupro de uma pessoa jovem, frequentemente, introduz um certo tipo de cinismo. E não existe nada tão trágico quanto um jovem cínico, pois significa que ele passou da situação de não entender nada para não acreditar em nada.”

De fato, como salvar da descrença absoluta uma sociedade que naturaliza e banaliza o estupro de suas crianças? O que isto diz sobre nós, nossos valores, nossa cidadania, nosso papel como pais, mães e educadores?

Não que eu tenha as respostas, mas esta não é uma pergunta da qual possamos desistir. Seria desistir da nossa civilidade, da nossa humanidade. Se esta pergunta te interpela, te incomoda, envergonha e revolta, temos aí, talvez uma esperança. Pois o cinismo se alimenta da descrença e neste caso, a indiferença está exatamente na raiz do problema.

Não há silêncio possível, não há inação possível. Precisamos, juntos, transformar indigna ação em reflexão, conhecimento e transforma ação.



**Daniela Grelin**

Diretora-executiva do Instituto Avon

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-tk8mo>

